



meubranco

moa sipriano

m o a s i p r i a n o . c o m

MEUBRANCO

Moa Sipriano

A sirene despejou seu grito disforme. Era o segundo sinal. Fim do meu expediente.

Meus alunos, atabalhados, juntam seus livros e cadernos de qualquer maneira, jogando-os dentro de suas mochilas esfarrapadas, imundas, cheias de penduricalhos do lado de fora.

Ganho um “tchau prôfe!” bem afetado, em coro, de um grupo de garotos alegres a idolatrar minha pessoa, admirando o bom volume do meu sexo e adorando minhas aulas de História.

Uma vez sozinho, eu abandono minha serenidade característica, profissional, de fachada. Organizo rapidamente meus livros e papéis repletos de anotações, acondicionando todo o material didático dentro da minha pasta de couro reluzente, um prático presente que ganhei do meu amado há dois meses, quando comemoramos oito anos de uma união mais do que conveniente.

Meu adorado chama-se Meubranco; é o meu homem.

Dentro do meu carro, correndo um pouco acima do limite permitido nas ruas de Lovland, começo a transpirar, onde um suor frio enlaça meu corpo inflexível, tenso em desejos, louco de vontades que eu sei que serão saciadas dentro de poucas horas.

Todos os meus dias são rigidamente iguais. Minha rotina jamais é abalada por qualquer acontecimento inesperado. É assim que tudo deve fluir.

Trabalho no Stella Maris há onze anos. Sou um professor-exemplo. Admirado, respeitado e querido com sinceridade tanto pelos outros docentes quanto pela diretoria alemã do colégio grã-fino.

Costumo ministrar minhas aulas com extremo afinco. Amo meus alunos. Cumpro minha obrigação de educá-los para a vida, sendo muito exigente para com todos, procurando ser justo, despejando carinho, atenção, segurança e respeito a cada um deles, com dedicação sincera, extrema, verdadeira.

As luzes azuladas do meu VW Passat prateado salpicam o desconcertante portão de ferro que guarda minha casa, onde em conjunto com um muro alto acima dos padrões, embaralham minha privacidade dos olhares afoitos de nossos eternos vizinhos bisbilhoteiros, que roem as unhas em curiosidade para saber o que acontece no interior da casa do luminoso jardim, onde moram um negro e um branco lindos, educados, introspectivos e “solitários” – sem namoradas!

Meubranco abre as portas do nosso refúgio. Meu carro penetra em triunfo. Desligo o motor, abro a porta e sou saudado com um longo e demorado abraço. Lábios suaves e discretos tocam os meus, intrépidos. Uma língua doce, muito delicada, brinca entre meus dentes e o céu da minha boca.

Minha mão, sorrateira, penetra sem dó o vão entre as nádegas rechonchudas do meu amado. Meu dedo indicador, insaciável, estoca o orifício úmido, buscando alargar o nosso prazer. Minha respiração torna-se indisciplinada, forçando-me a malhar a porta do carro. Abraço Meubranco, mordiscando-lhe o pescoço denso. Amo muito tudo isso!

Já no interior da casa, minha pasta de couro é ritualisticamente retirada de minhas mãos e repousada num canto do nosso sofá de dois lugares. Minhas roupas são retiradas ali mesmo, no meio da sala, enquanto aprecio os movimentos precisos do meu amado a me despir, em silêncio submisso, onde toques sensuais e olhares lascivos preparam o terreno para as diabruras que serão realizadas dentro de poucos instantes.

Meus tecidos repousam no carpete. Nu, sou brindado com um novo beijo. Retiro meu relógio: uma relíquia de família. Meubranco já está com a caixa de prata recoberta de veludo vermelho, aberta, onde deposito minha segunda joia rara.

Após calçar minhas Havaianas amarelas, gastas e reconfortantes, abandono a sala, deixando para Meubranco a tarefa de recolher minhas roupas de trabalho.

Nosso banheiro já se encontra preparado. Minha toalha em fios dourados, imaculada, perfumada, está pendurada no lugar de costume.

Experimento uma sensação agradável debaixo das águas mornas ao sentir o perfume de um novo sabonete com extrato de maracujá. Certamente Meubranco aguardava minha aprovação posterior diante de sua louca ousadia em trocar meu inseparável Dove.

Meubranco adora me surpreender com esses mimos impressos em delicadeza. E eu gosto de castigá-lo pelo atrevimento de mudar minha rotina ou minhas excentricidades, o mínimo que seja.

Submerso no aroma da nova essência, imediatamente meu sexo ganha vidas, enquanto molho meu corpo esculpido em ébano, desprovido de pelos, ensaboando-me em seguida.

Empinada, gritando por atenção, minha longa vara se regozija no meio da espuma abundante. Gosto do contraste do branco da espuma adocicada com o negro da minha pele macia, agora exalando o cheiro da paixão.

Nove minutos são suficientes para minha higiene pessoal.

Enxuto incompleto, abandono meu amplo banheiro com o corpo ainda vaporoso, trajando somente o velho calção de seda, sem nada por baixo.

O jantar está pronto. Os pratos da noite exalam aromas afrodisíacos. Sento-me à mesa e sou servido pelo meu amado, em obrigatório silêncio.

Aprecio o momento mágico. Os pedaços de carne de cordeiro derretem na boca, de tão macios, suculentos, no ponto. Os delicados e coloridos pedaços de legumes sambados no vapor bailam em minha boca e suas fibras tenras atíçam minha gulodice ensandecida. Tento em vão descobrir o segredo alquímico dos novos temperos. Desisto. Eu sempre erro, para deleite de Meubranco.

Eu me alimento muito bem. Sob todo e qualquer ponto de vista.

Meubranco se satisfaz com sua mísera porção de saladas de folhas picotadas com as mãos, temperadas com algum molho natural, exótico, de preparo meticuloso, complicado. Brindamos o fim do nosso jantar silencioso com uma generosa taça de vinho tinto, seco para mim, doce para ele.

A partir desse momento iniciamos os preparativos do nosso ato diário de amor.

Sentados em nosso afofado sofá de tecido rústico, assistimos o noticiário nacional, enquanto nos entregamos a segunda e última taça de vinho. Meubranco repousa sua cabeça em meu colo, brincando com meu membro adormecido. Acompanho as notícias políticas que nunca mudam e minha mão procura, por instinto, o refúgio sagrado dentro do calção folgado do meu macho alvo como a neve que sonhamos... um dia cobrirá a ilha toda de serelepe alegria.

Bolino suas tatuadas nádegas peludas, abrindo espaço para que meus dedos ácidos acariciem seu orifício apertado, tenso, irrequieto. Isso faz parte das regras do meu jogo.

Fim das notícias. Início da última novela. Retiramos o som da televisão e nos entregamos aos vinte minutos de carícias românticas. Meubranco aprecia demais esse momento. É a única chance que dou a ele de se satisfazer à sua maneira.

Entrego ao meu homem meus beijos mais carinhosos. Deixo meu amado lambe minhas orelhas miúdas e meu pescoço fino. Sinto suas mãos de dedos largos rodopiando, loucas, por sobre meu peito definido. E meus mamilos são tocados com extremo cuidado, pois sou muito sensível nessa parte do meu corpo de proporções exatas.

Fim do tempo. Meubranco se levanta e desfila um lindo rebolado até nosso quarto. Olho para o relógio da cozinha conjugada: faltam trinta e sete minutos para o meu prazer. Aproveito este tempo para dar uma espiada na correspondência, ler alguma matéria da nossa revista semanal ou ligar para o meu pai, sempre carente de atenção e demais recursos, o maldito.

Vinte e duas horas. Em ponto.

Invado nosso refúgio. Meubranco já está deitado, de lado, numa posição fetal, frágil, submisso, do jeito que deve ser.

A corda branca repousa sobre nossa cama de gatos. Pegó-a e amarro os pulsos de Meubranco com uma das extremidades. Com a outra, travo meu homem na cabeceira da cama e começo meu ritual de beijos e tapas, ambos violentos.

Adoro deixar a marca das minhas mãos negras na pele translúcida do meu amado. Sopapo aleatoriamente as coxas, as solas dos pés, ou o meio do saco, onde suas bolas, doloridas, imploram para que eu pare e continue um ato que outros julgam animalesco.

Meubranco gosta, adora, grita um “não pare, seu negro filho da puta”. Continuo minha violência muito bem controlada. Adoro quando meu macho me xinga no labirinto das nossas quatro paredes sensuais. Não há maldade. Não há o que você está imaginando. Pare de ruminar besteiras. Somente desfila o prazer de dois machos que amam arruinar seus corpos físicos, varonis, indolentes.

“Vem, meu negro, meu macho, meu homem. Fode meu corpo com esta tua bocarra indecente”, grita Meubranco, seguindo sempre o roteiro, entre lágrimas de alegria e honesto frenesi.

Não perco tempo. Começo a morder seus calcanhares, levando minha boca maldita a consumir cada centímetro das suas pernas repletas de pelos acobreados. Meubranco grita, tenta se desvencilhar do laço apertado, sem sucesso.

Continuo minha escalada naquele corpo olimpo, agora arroxeadado. Assim que encontro seu sexo natimorto, engulo a carne de uma só vez, bailando minha língua potente no meio das bolas rosadas, amaciadas pela dor.

Sugo o mastro caído, sem vida, por alguns minutos. Continuo a elevar minha boca cítrica, mordendo com força a região do umbigo e, em seguida, me satisfaço com brutalidade, arrancando sangue dos mamilos rochosos daquele peito moldado numa dispendiosa academia.

Retiro das rosas impressas naquela pele salgada o gosto vinho do homem. Urro além do grito de prazer e dor de Meubranco. Estamos em transe no meio da transa. A rapidez dos nossos atos não pode ser mensurada através desse relato falho.

Cavalgo sobre meu macho, posicionando meu traseiro musculoso sobre seu sexo que agora resolve ganhar formas dignas para a batalha. Estapeio seu rosto corado. Seu suor faz deslizar com facilidade minha mão grossa em suas faces sedosas.

Seguro Meubranco pelos cabelos aparados, loiros, encharcados de suor. Forço-o a sentir meu beijo com gosto de sangue retirado dos seus seios. Sou prontamente atendido por uma boca sedenta de desejo em sentir minha saliva agridoce, degustando a maciez dos meus lábios protuberantes.

Meubranco, atrevido, ousa morder minha língua. Ganha rapidamente, pela ousadia calculada, um estupendo tapa no rosto, que o eleva aos píncaros do êxtase, encharcando a lateral direita da minha bunda com sua porra condensada.

Com a palma da minha mão esquerda, espalho toda a essência do meu macho por seu ventre esculpido à perfeição. Lambuzo-me com sua seiva sagrada, lambendo em seguida o excesso nos vãos dos meus dedos frios.

Agora é chegada minha hora. Desato amarras. Viro lentamente o corpo retesado do meu homem, com falso carinho e muita firmeza. Sufoco aquela cabeça aloirada no centro de um travesseiro convidativo. Invisto meus dentes perfeitos em seus ombros rígidos, deixando profundas marcas da minha arcada em ambos os lados.

Meu sexo volumoso – honra genética que acompanha minha bela raça – busca, teleguiado pelos meus urros nada discretos, aquela toca aparentemente estanque.

Sem muito esforço, arregaço o rabo de Meubranco, que continua alucinado com a cabeça afundada no seu travesseiro predileto.

Enquanto como aquele rabo suculento, único, meus dentes cravam sua superioridade nos espaços vagos nas costas do meu homem. Após oito anos, quase não há mais vagas!

Somente chego ao êxtase enquanto arrasto os dentes na carne de primeira do meu macho lívido, inseguro, obediente.

Preciso sentir o gosto daquele sangue. Preciso ouvir os gritos sufocados de clemência do meu homem, implorando para que eu jamais pare de trucidar seu corpo físico, a fim de libertar o seu espírito criativo.

Você não compreende, eu sinto isso.

Aprenda: enquanto nossos corpos são massacrados por nossos atos selvagens de prazer primitivo, nossas almas sublimam nos arredores de um nirvana único, abençoado pelo Criador.

Durante segundos eternos, onde certamente o tempo perde toda a razão de ser, entregamos nossos espíritos livres da carne ao início de onde tudo se originou.

A dor nos proporciona um prazer indescritível, que nos fornece as ferramentas necessárias para a nossa libertação total.

A resposta de todas as belezas está na compreensão da dor. Acredite.

Continuo a foder Meubranco. Meu sexo arromba pregas inexistentes de um cu tremendamente apertado. Com uma força fora do comum, após ser desvencilhado do laço, meu homem consegue jogar meus restos cansados para longe. Pulando em meu colo, posicionando novamente meu espantoso sexo para dentro de seu rabo afogueado, Meubranco cavalga desvairado sobre seu Corcel negro, sinistro, quase diabólico.

Inundados pelo sal e suor, empregamos o resto das nossas forças no último ato da nossa peça de amor. Segurando com violência nossos pescoços, travamos a passagem do ar através de nossas gargantas secas. Em movimentos descompassados, rápidos e desesperados, jorro uma quantidade inenarrável de vidas dentro do invólucro de Meubranco.

Meu pescoço é liberado. Volto a sorver o ar. Continuo mantendo minhas mãos negras e estúpidas impedindo meu macho de respirar novamente. Sua fisionomia tem a estampa do Horror e sua mão esquerda dilacera seu sexo em brasa, onde após o minuto certo, uma nova onda de jatos alucinados se espalha sobre meu peito ardente, trêmulo, exausto.

Meubranco desaba sobre mim. Seus cabelos dourados fazem cócegas no meu rosto prostrado. Recuperamos as forças trocando beijos apaixonados, intensos, profundos.

“Eu te amo, Thomaz. Vou te amar pelo resto dos meus dias”, sussurra Meubranco. Esta é a sua frase feita preferida. Porém, visivelmente dita com o nível de uma emoção sincera. Pressinto delicadas lágrimas que se destacam em seu rosto rosado, empapado em alegrias disformes.

“Eu também amo você, William ‘Meubranco’, meu homem, minha vida. Eu sempre te amei, desde muito ant...”, minhas palavras são sufocadas por um beijo romântico. Por mais que eu tente, eu jamais consigo tocar no assunto.

* * *

Era chegada a hora de nos entregarmos ao passeio noturno com nossos anjos da guarda, arrastando os pés descalços nas areias da praia isolada, e colocar nossas trivialidades em dia.

Todas as nossas noites seguem o mesmo ritual, sem qualquer tipo de alteração.

Oito anos ininterruptos de amor, sexo, amizade, companheirismo. Esta é a ordem. Meubranco era submisso aos meus caprichos enquanto marido. Por outro lado, eu o satisfação plenamente no lado material, dando-lhe conforto, segurança e toda a sorte de bens que meu honesto salário é capaz de sustentar.

Ele me dá sua companhia incondicional, cuida de nossas conquistas e, acima de tudo, me completa maravilhosamente bem naquilo que por muitos e muitos anos procurei noutros homens, sem sucesso: o sexo pleno em todas as suas variantes na senda do que, para muitos, ainda é pra lá de exótico.

Depois de praticar o nosso amor, dormimos agarrados, unindo duas existências num só corpo. Amanhã retornaremos nossas atividades mundanas. Eu, no colégio, educando meus meninos. Meubranco, em casa, cuidando da comida, da limpeza

geral, da minha roupa, das plantas e do gramado impecável do nosso suntuoso jardim secreto.

Adoro ver Meubranco viajar no transcorrer do seu sono solto, satisfeito, inabalável. Beijo suas pálpebras transparentes. Eu te amo, revelo em pensamento, admirando o valor da minha sorte.

Nada deve ser mudado. Tudo deve ser vivido em sua plenitude.

De comum acordo. Do nosso jeito.





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com** · **dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com** · **escritor@moasipriano.com**